

42.

## IGREJA DE SÃO MARTINHO DE SOALHÃES



Avenida da Igreja  
Soalhães  
Marco de Canaveses



41° 9' 37,94" N  
8° 5' 48,39" O



918 116 488



Sáb. 17h30  
Dom. 9h15



São Martinho  
11 novembro



Monumento Nacional  
1977



P. 25



P. 25



x

A atual Igreja de São Martinho de Soalhães ter-se-á fundado sobre uma basílica onde existiriam relíquias martinianas em finais do século IX. Ainda se refere Soalhães como mosteiro no século XII, embora até à data não se tenha ainda chegado a um consenso sobre a ordem monástica que integrava. Em todo o caso, esta Igreja surge num território que foi particularmente cobiçado pela nobreza medieval, sendo que a importância da terra ditou que os seus senhores tomassem o topónimo para seu apelido, como no caso de D. João Martins, chamado de Soalhães, bispo de Lisboa e arcebispo de Braga. Apesar do peso histórico que se cola a esta Igreja de Soalhães, particularmente nos séculos ditos da Idade Média Plena (séculos XII a XIV), são escassos os vestígios que nos falam dessa época, por ter sido a Igreja profundamente transformada no século XVIII, numa busca de atualização do templo dentro de uma estética e liturgia pós-tridentinas.

Da época medieval persistem (visíveis) três elementos que cremos que foram conservados apenas enquanto testemunho de uma antiguidade que se quis reafirmar neste monumento.

## OS SENHORES DE SOALHÃES

Os descendentes de D. João Martins de Soalhães, prelado do século XIV, andaram desde então ligados ao destino da terra. Entre os vários direitos que o bispo recebeu e vinculou a um morgadio em 1304 (cuja administração recaiu primeiro no filho, Vasco Anes de Soalhães, e depois nos descendentes deste), contava-se o padroado da apeteável abadia. A sucessão no morgadio parece ter corrido serenamente até D. Joana de Vasconcelos Menezes e Noronha (1625-1653), que casou com o 7.º visconde de Vila Nova de Cerveira.

É possível que tenham sido os seus descendentes, D. Tomás Teles da Silva e D. Maria Xavier de Lima, 12.ª viscondessa de Vila Nova de Cerveira, os responsáveis pela grande campanha de barroquização da Igreja, provavelmente realizada em 1733. A uniformidade entre a gramática decorativa da nave e a da capela de São Miguel poderia então ser explicada pelo mecenatismo dos senhores do padroado, muito embora o arranjo da nave fosse geralmente uma atribuição dos paroquianos.

O portal principal, testemunhando já uma organização protogótica, datará já do século XIV. Sem tímpano, as suas arquivoltas apoiam-se ainda sobre colunas, cujos capitéis mostram esculpido, apesar do desgaste, temas vegetalistas e animalistas (uma ave com asas abertas). O naturalismo é, contudo, evidente. Não nos espanta esta cronologia se tivermos em conta que foi apenas em 1304 que D. João Martins de Soalhães recebeu e vinculou a um morgadio a abadia que aqui existia.

O túmulo abrigado por arcossólio na capela-mor, no lado da Epístola, enquadra-se

nesta cronologia. A localização deste túmulo remete-nos de imediato para alguém de alta estirpe, ligado seguramente ao padroado da Igreja. Embora se desconheça quem de facto nele está sepultado, por se tratar de uma sepultura sem qualquer epígrafe identificativa, a verdade é que se procurou memorar através de uma sucessão de oito escudos quem nele se fez sepultar. Os escudos lisos, enquadrados por microarquiteturas de evidente sabor gótico, mostram ainda vestígios de policromia.

Por fim, no interior do vão de iluminação que encima o portal principal, dando luz





ao interior da nave, de desenho já moderno, vemos ainda uma moldura pontuada por pérolas de indubitável sabor medievico e grandemente disseminadas pela região envolvente. A sua presença confirma-nos que, pelo menos, a estrutura da fachada românica foi mantida aquando das obras do século XVIII.

Tudo o resto que dá corpo a esta Igreja fala-nos já de uma outra época, de uma outra liturgia, de um outro espírito, de uma outra estética e, por fim, de um outro gosto. No exterior, a torre que se adossa a norte à fachada principal, com o seu remate bolbiforme, o óculo com formas curvilíneas que encima o portal principal, os amplos janelões que na fachada principal (e nas laterais) iluminam o interior da Igreja e os pináculos classicizantes que rematam os ângulos dos vários corpos da Igreja falam-nos de uma mesma linguagem de sabor barroco, apesar do regionalismo e de uma certa contenção que lhe está evidentemente associado. Contrariamente, a primeira impressão do visitante, ao entrar na Igreja matriz de Soalhães, é a profusão de cores e materiais. Dir-se-á que, aqui, o barroco, a que se reporta o grosso desta gramática decorativa, fez jus à afirmação axiomática “horror ao vazio”. Nada ficou por decorar. A talha dourada e os painéis de azulejo disso se encarregaram.

Ao nível do corpo, as intervenções poderão corresponder à data de 1733, relevada num medalhão colocado a meio da balaustrada do coro alto. Deste espaço é possível obter uma imagem global do investimento na decoração do corpo da nave – investimento algo excêntrico quando comparado com outras matrizes e se tivermos em conta que cabia aos fregueses a contribuição maior para as obras neste espaço. Contudo, a excentricidade da obra, o valor da ornamentação e a profusão de materiais, técnicas e mesmo gostos podem ser justificados com o estatuto da Igreja.

No corpo da nave, amplos painéis azulejares, característicos do século XVIII. Com o azul-cobalto tão apreciado nesta época, desenharam-se cenas onde a teatralização do gesto criado pelas figuras representadas é por demais evidente. As cenas de *Moisés e a Serpente de Bronze*, *Jesus falando com a Samaritana* e o *Encontro de Melquisedeque e Abraão* (no lado esquerdo), assim como a de *Moisés fazendo brotar água da fonte do deserto* (no lado direito) foram enquadradas por cercaduras monumentais, quais glossários do vocabulário barroco. Também na capela dedicada a São Miguel se recorreu ao revestimento azulejar, onde se representa o arcanjo Miguel como psicopompo, ao mesmo tempo juiz e guia das almas.

Em 2018, no âmbito das obras de conservação e restauro promovidas pela Rota do Românico, o painel de azulejos *Jesus falando aos Discípulos* foi deslocado da nave para a parede norte da capela-mor. Na nave da Igreja, sobre o nível do revestimento azulejar, um registo de painéis em médio relevo, policromados e com *chinoiserie*, cercados por talha ornamentada com motivos vegetalistas e figuras humanas. Identificando-se várias mãos na sua conceção, retratam cenas da Paixão de Cristo: Visão no Horto, Prisão e Escarnecimento do Salvador (lado esquerdo), Coroação de

Espinhos, *Ecce Homo* e Caminho para o Calvário (no lado direito), composição que termina com o Calvário exposto sobre o arco cruzeiro, ante a nave.

É notória uma homogeneidade catequética e espiritual, apelando para o percurso sacrificial e para o mundo caritativo, sobressaindo aqui a representação da Virgem das Dores e os painéis relativos à vida de São Martinho. A ornamentação da talha cria uma unidade que inclui o revestimento do arco cruzeiro (rematado por uma Crucifixão), as guardas dos púlpitos e os dois altares colaterais, de São Pedro e São Paulo, cada um deles representado com os seus atributos. Ainda no lado direito, um retábulo que se insere na transição do estilo nacional para o joanino.

Comparada com a nave, a capela-mor é particularmente despojada de ornamentação, contrariando assim a ideia de que este espaço, mais nobre, a cargo do padroeiro ou do abade, devia ser dotado de investimento superior.

A única marca do prestígio patronal é o túmulo que deve ter recebido o corpo de algum dos primeiros morgados ou seus descendentes entre o século XIII e XIV. À primeira vista, o retábulo-mor, em estilo neoclássico, contrasta com a restante Igreja, onde a festa da cor é mais que evidente. Adotando uma linguagem inspirada na arquitetura clássica, a premência do branco, a que se sobrepõem elegantes apontamentos dourados, abriga imagens de São Martinho de Tours e Santa Luzia. Tanto na nave como na capela-mor, os tetos compõem-se de uma decoração e trabalho de talha. É evidente, no entanto, uma variação cromática e de desenho entre os dois artesoados. Nos painéis centrais da nave identificam-se representações hagiográficas e no restante apainelado exhibe-se decoração vegetalista. Na capela-mor, a sobriedade cromática e de desenho do artesoadado não são comparáveis à que cobre o espaço da nave.



### A NÃO PERDER

- 8,3 km: Museu Municipal de Baião (p. 271)
- 8,8 km: Almofrela - Aldeia de Portugal (p. 272)
- 10 km: Conjunto Megalítico da Serra da Aboboreira (p. 272)